

190

REI

Funai exige saída de índios para negociar ampliação de reserva no ES

O presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai), Sullivan de Oliveira, exigiu ontem a retirada dos índios que invadiram na quarta-feira a propriedade da Aracruz Celulose, em Aracruz, no norte do Espírito Santo, para começar a negociar a expansão da reserva indígena no município. A condição de Oliveira foi apresentada aos índios em reunião na aldeia de Irajá, uma das que abrigam os 1,4 mil tupiniquins e guaranis que vivem na reserva de 4,4 mil hectares da Funai em Aracruz.

A resposta dos índios ao pedido só vai ser conhecida hoje, em nova reunião de Oliveira com as lideranças na sede da Procuradoria da República, em Vitória. "Existe disposição do governo para negociar, mas a condição inicial é a saída da área", afirmou o presidente da Funai. Na reunião, os índios também recusaram na área pedida para expandir a reserva - em vez dos 13,5 mil iniciais, agora eles reivindicam mais 7,5 mil hectares.

O presidente da Funai anunciou que vai determinar a saída de militantes sem-terra e sindicalistas do Espírito Santo, que apóiam a ocupação, da reserva indígena - território do governo federal no qual só se pode entrar com autorização da Funai. Oliveira acusou as entidades de incentivarem o ato com propósitos políticos.

"Não vamos admitir índios com bandeiras e bonés do MST, porque temos dezenas de terras indígenas ocupadas por posseiros e sem-terras, nas quais ele se recusam a sair", reclamou o presidente da Funai. Ele afirmou que, durante a reunião, os índios não conseguiam se entender sobre quanta terra a mais eles queriam - fato que, para Oliveira, prova que o ato é "mais político do que expressão autêntica da comunidade indígena".

O dirigente do MST no Espírito Santo José Brito Ribeiro já havia refutado antes as acusações da Funai. Segundo Ribeiro, o movimento não tem intenção de invadir áreas dos índios no Estado e dá apoio aos tupiniquins e guaranis somente por "solidariedade".

ACUSAÇÕES - Ontem, o gerente florestal da Aracruz, Carlos Alberto

Roxo, afirmou que os índios tupiniquins e guaranis ocupando uma área maior do que a reivindicada originalmente. "Eles avançaram 500 metros além do que pediram", disse Roxo. O gerente florestal acusa os 120 índios que ocupam a área da Aracruz de terem derrubado eucaliptos em uma área de quatro quilômetros em linha reta. Os invasores são apoiados por cerca de 80 militantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) e do Conselho Indigenista Missionário (Cimi) - o que para Roxo mostra que o movimento é "essencialmente político". "O Cimi está interessado no conflito", reclamou.

A participação dos sem-terra fez com que a Justiça de Aracruz pudesse determinar ontem a reintegração de posse do terreno ocupado. A sentença não seria possível se a questão envolvesse apenas índios. Neste caso, o conflito ficaria apenas na alçada da Justiça Federal - que já deu liminar determinando a retirada dos tupiniquins e guaranis da propriedade da Aracruz.

REI - A invasão da área da Aracruz aconteceu seis dias antes da visita particular do rei Gustavo Adolfo, da Suécia, à sede da fábrica. A previsão é de que o rei chegue na noite de segunda-feira (16) à cidade, durma na casa de hóspedes que a empresa mantém em sua área, e visite as instalações da Aracruz na manhã de terça-feira.

O rei sueco vai estar acompanhado por uma comitiva de 100 industriais e integrantes da Academia Real Sueca. A academia concedeu à Aracruz, em 84, o prêmio Marcus Wallemberg, por suas pesquisas florestais. Apesar de estar confirmada pelo cerimonial do governador Vitor Buaiç, que vai receber o rei na segunda-feira, a visita não foi confirmada pela assessoria de imprensa da companhia.

A área da Aracruz no Espírito Santo é de 9 quilômetros quadrados, 1,8% de toda a extensão do Estado. O gerente florestal informou que a empresa, nos últimos três anos, empregou US\$ 300 mil em projetos agrícolas, de saúde e educação para os índios. "Uma vez resolvido o conflito, vamos continuar apoiando as comunidades", garantiu.